

AGUILAR, Nelson. Exposição de 1913 reconstitui os passos de Lasar Segal. Folha de S. Paulo, São Paulo, 02 out. 1988.

“Exposição de 1913” reconstitui os passos de Lasar Segall

NELSON AGUILAR

Crítico de Artes Plásticas

O produto mais avançado da museologia brasileira tem seu ponto de partida no Museu Lasar Segall. A proposta, simples e revolucionária, é de reconstituir as exposições do artista: 1913 (São Paulo e Campinas, a atual), 1924 (São Paulo), 1927/28 (São Paulo e Rio de Janeiro), 1933 (Rio de Janeiro), 1943 (Rio de Janeiro), 1951 (São Paulo) e 1955 (São Paulo). Através deste procedimento, operam-se cortes sincrônicos em sua produção, mas capazes de recolher na malha fina do evento a transversalidade da história.

Segall é performático. Cada mostra traz um clima próprio, reinventa uma civilização pictural, proclama nova constituição plástica. Não se trata apenas da alta qualidade da obra, mas da crítica dos intérpretes por vezes geniais, da sensação-síntese da arte brasileira no momento.

A fotografia que anuncia a exposição de 1913 no “Correio Paulistano” sobretudo pela legenda superior, “Arte”, se aparenta a uma carta de Tarot. Lá está o pintor, vinte e um anos, mão na lapela, outra no joelho, cachimbo na boca, olhar confiante. No caso, o destino se armou para apresentar a primeira exposição de arte moderna no país. O que faltou foi o olhar, o reconhecimento, o redimensionamento do visível.

Segall-Rimbaud aportou em São Paulo e Campinas e mostrou com o fervor do vidente a complexa sismografia dos movimentos de vanguarda do início do século. Basta reparar na seleção de quadros brasileiros contemporâneos oriundos da Pinacoteca do Estado onde despontam Almeida Junior, Pedro Alexandrino, Antonio Parreiras entre outros, para se dar conta da solidão absoluta do pintor lituano entre nós.

O que caracteriza o provincianismo e a nivelação de todas as potencialidades, a implantação de um democratismo inerme. O olhar provinciano não distingue Segall do pintor espanhol Salinas, definitivamente acadêmico. A urbanidade que critica e destrói a rede complacente dos hábitos encontra sua origem no aforismo de Heráclito: “Um para mim vale mil se for o melhor.”

Certamente a limitação do meio restringe a ambição do jovem. “Viúva e Filho”, a tela de maior sucesso de ambas exposições, se notabiliza pelo abafamento de toda a expressividade. Há uma fotografia do quadro em processo ao lado da

versão definitiva. O esboço prometia obra forte, cruamente estruturada. O resultado frustra.

“O Violinista” comprova que Segall vira Cézanne, conhecia muito o trabalho da pincelada modulada, sem no entanto questionar o fundo composto pelo traje negro e pela parede azulada. Isso acontece porque só se interessa pelos traços que informam a personagem: mãos, instrumento, rosto e as alvuras dos colarinhos e da camisa. A sólida instabilidade fez um crítico campinense considerar a obra cubista. O qualificativo evidentemente não ultrapassa a retórica. Lanço uma hipótese de explicação para elucidar o conservadorismo da crítica paulistana e o aspecto progressista dos comentadores campinenses. Segall teria proferido conferência para orientar a crítica da segunda cidade, a exemplo do que faria dez anos mais tarde na Vila Kyrial, residência de seu primeiro mecenas, o senador João de Freitas Valle.

Existem telas magníficas que indicam a captação de múltiplas vertentes picturais que resultariam no artista maduro. “Leitura” apresenta o fenômeno da luz à maneira de Vermeer. Penso na “Rendeira” do Louvre onde o foco visual se processa entre as faces e os dedos. Mas seria necessário imaginar um Vermeer que tivesse conhecido Bonnard, pois a matéria é tratada como se fosse óleo e guache. O lastro luminoso se irradia pelo suporte de papelão.

Ocorre ainda “Menino na Floresta” que lembra o desempenho do pintor inglês Francis Bacon. O protagonista não difere do bosque que lhe sucede. Um poder metamórfico se espalha pelo rosto a ponto de fundir o motivo e o fundo. O espectador é sacudido pela duplicidade das equivalências.

E o que dizer da obra-prima gráfica, “Volendam-Holanda”? A Holanda é o país de eleição do jovem Segall. Bem percebe o crítico do “Diário do Povo” de Campinas, Guibal Roland (12.06.1913), ao afirmar que o pintor tem “os olhos voltados para o Norte e para Franz Hals”. Existe bem mais no pequeno desenho, sintetiza a arquitetura de Saenredam e a imensidão de Ruysdael. Vale pela introdução da figura no meio da trilha, interrupção da folha branca. A energia do vazio faz da personagem um redemoinho de traços que varre a rua da aldeia.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029634



"Voledam" (Holanda), trabalho em grafite datado de 1912, de Lasar Segall, em exposição até o dia 5 de novembro